



**COTTON
OUTLOOK**

NEWS • DATA • ANALYSIS



ANEA

MANGARATIBA, RIO DE JANEIRO

2026

CONTEÚDO

Eficiência de ponta a ponta é o desafio do Brasil 3

Dawid Wajs

Presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (ANEA)

A confiabilidade se tornou a nova moeda do algodão global 4

Gustavo Piccoli

Presidente da Abrapa

A Indústria do Algodão no Brasil: de Fornecedor Doméstico a Competidor Global 8

Kenyo Andries e Arantes

Diretor Comercial Algodão Brasil

O processo de inspeção no Brasil — os desafios práticos da inspeção de uma safra cada vez maior, tendo em vista a crescente ênfase na qualidade e na sustentabilidade 13

Victor Fernandes

Gerente de País (Brasil) na Wakefield Inspection Services

Brenno Queiroz

Presidente do Comitê de Logística da Associação Nacional de Exportadores de Algodão (ANEA)

Tendências de Compra de Importadores nos Principais Mercados Consumidores 17

Alice Robinson

Editora Adjunta – Perspectivas do Algodão

Brazilian Cotton School conclui terceira turma com imersão prática e visão integrada da cadeia do algodão 21

Brazilian Cotton School

An English language version of this feature can be found here



ANUNCIANTES

Artigas Do Brazil	3
Wakefield Inspection Services Ltd	5
MAGNA	6
COFCO	7
Rekerdres	9
ICA	11
Fibra Forte	12
NICOT	16
TransGlobal Inspections	16
Laferlins	20
Cargill	23
ABRAPA	24

PUBLICADO POR

Cotlook Limited, PO Box 111,
Liverpool, L19 2WQ,
United Kingdom

www.cotlook.com

Tel : 44 (151) 644 6400

Email : editor@cotlook.com

f facebook.com/CotlookLimited/

X x.com/cottonoutlook

in linkedin.com/company/2348104/

A editora não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos colaboradores.

Nenhum artigo pode ser reproduzido sem a prévia autorização do editor.

Imagem da capa

Adobe stock - #207023786 by Guydion



O Brasil já responde por cerca de um terço do comércio global de algodão. Só na safra 2024/2025, foram 4,26 milhões de pluma, o maior volume da história. Embora muitos se espantem com a rapidez da escalada na cotonicultura brasileira, quem a vive de perto sabe que chegamos aqui com muito trabalho, pesquisa, tecnologia e uma cadeia produtiva que aprendeu a ser competitiva. Para continuar sendo líderes em fornecimento de algodão no mundo, precisamos liderar também a discussão que mais importa hoje: como recuperar e expandir a demanda global pela fibra natural. A Anea é uma das vozes que amplifica esta mensagem e quer levá-la ainda mais longe, junto com a Abrapa, o governo brasileiro e os players globais do algodão.

No cenário geopolítico, o algodão vive um ambiente desafiador, com consumidores mais orientados por preços e as fibras sintéticas ocupando um espaço que precisamos reconquistar. Seja para os custos que sufocam as famílias ou para os que pesam na lavoura e nos transportes, a resposta é eficiência. O algodão tem que chegar ao cliente em condições de competir, e este também tem que seguir a mesma diretriz. Apoiá-los na



Eficiência de ponta a ponta é o desafio do Brasil

DAWID WAJS

Presidente da Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (ANEA)

otimização do processo industrial é parte da nossa responsabilidade como fornecedores líderes. O consumidor final também precisa ser eficiente na escolha. Cativá-lo pela razão pode fazer mais sentido agora, já que o algodão é feito para durar, e, em momentos de incertezas, qualidade faz diferença na escolha. Vamos, juntos, levar mais longe esta mensagem.

artigasdobrasil.com.br
@artigasdobrasil

SINCE 1952

ARTIGAS DO BRASIL

Closer to the fields, better in service

BOLSA BRASILEIRA DE MERCADORIAS | International Cotton Association | ECU CERT | BCI Better Cotton Initiative

Enquanto lê esse texto, é possível que você esteja vestindo uma variedade de fibras e blends que não existiam há algumas décadas, com nomes que soam estranhos: poliéster, elastano, poliamida, acrílico. Durante muitos anos, a indústria têxtil global foi guiada por uma lógica dominante, em que velocidade e baixo custo estavam acima de tudo. As fibras sintéticas, derivadas de petróleo, avançaram rapidamente porque ofereciam escala, previsibilidade e estavam integradas a um sistema global de manufatura sustentado por energia barata e cadeias logísticas altamente conectadas.

Mas as condições que sustentaram esse modelo estão mudando de forma acelerada. Essa transição abre uma oportunidade importante para as fibras naturais, especialmente para o algodão.

O mundo entrou em um período em que a confiabilidade passou a ser tão importante quanto o preço. Tensões geopolíticas, disputas comerciais, insegurança energética, preocupações climáticas e exigências regulatórias crescentes estão redefinindo a forma como marcas, indústrias e consumidores avaliam as cadeias produtivas têxteis. Nesse novo cenário, a origem importa. Transparência importa. Credibilidade importa.

Em um momento em que o petróleo passou a estar associado à instabilidade geopolítica e à vulnerabilidade das cadeias globais, o algodão oferece algo cada vez mais valioso para a indústria: confiança.

O recente conflito envolvendo a guerra no Irã deixa essa transformação ainda mais evidente. Além das consequências humanitárias e geopolíticas, as tensões no Oriente Médio voltaram a expor a fragilidade das rotas logísticas, especialmente diante dos riscos envolvendo o Estreito de Ormuz, e dos mercados de energia. O transporte marítimo enfrenta incertezas, os custos de frete tornam-se mais voláteis e setores dependentes de cadeias petroquímicas passam a conviver



A confiabilidade se tornou a nova moeda do algodão global

GUSTAVO PICCOLI
Presidente da Abrapa

com maior pressão. Isso afeta diretamente a indústria têxtil.

As fibras sintéticas seguem profundamente dependentes de derivados do petróleo e de cadeias industriais complexas, sensíveis aos preços da energia e à estabilidade do comércio global. Quando os mercados de energia se tornam instáveis, todo o sistema fica mais exposto ao risco. O algodão segue uma lógica diferente, e a indústria têxtil global começa a compreender que resiliência se tornou um ativo estratégico. No mesmo período, entre agosto de 2025 e abril de 2026, o Brasil exportou 2,7 milhões de toneladas de algodão, e a safra 2025/2026 deve consolidar o maior volume de exportações já registrado pelo país, ultrapassando os 3 milhões de toneladas embarcadas.

Embora ainda seja cedo para estabelecer uma relação direta entre a crise do petróleo e a demanda pelo algodão, o conflito pode acelerar um movimento que já estava em curso no mercado global e para o qual o algodão brasileiro vem se preparando nos últimos anos: o valor de um produto deixou de ser definido apenas por volume, preço ou custos industriais. Ele é cada vez mais determinado pela credibilidade de sua origem. Já não

Inspeções de Algodão Confiáveis, Alcance Global, Valores Familiares.

Do campo ao tecido, nossas inspeções independentes garantem qualidade, transparência e confiança em cada fardo.

Onde quer que seu algodão vá, já estamos lá.



E-mail: info@wiscontrol.com

Wakefield Inspection Services Inc

1517 G Avenue
Plano, Texas 75074 USA

Tel: +1 972 690 9015

Wakefield Inspection Services Ltd

Suite 5, Exchange Station
Tithebarn Street, Liverpool
L2 2QP, United Kingdom

Tel: +44 (0) 151 236 0752

Wakefield Inspection Services (Asia) Ltd

台北市中山區南京東路一段120號6樓之一
6F-1, No. 120, Section 1, Nanjing East Road,
Zhongshan District, Taipei City 104, Taiwan

Tel: +886 2 2585 9511

WIS Inspection (Brazil) Ltda

Praça Lions Clube, 420
Santos - SP
11010-320, Brasil

Tel: +55 13 3228 6200

basta produzir com eficiência. É necessário demonstrar como se produz, de onde vem cada produto e se a cadeia produtiva atende aos padrões ambientais e de governança cada vez mais exigidos pelos mercados e consumidores.

A rastreabilidade e as taxonomias verdes estão se tornando critérios centrais de pertencimento à economia global. Elas influenciam financiamento, decisões de compra, percepção do consumidor e até mesmo o acesso aos mercados. Nesse contexto, o Brasil consolidou-se como um dos fornecedores de algodão mais relevantes do mundo, resultado da atuação conjunta dos produtores brasileiros através da Abrapa. Entendemos, desde muito cedo, que o algodão não é apenas uma commodity. É matéria-prima para a criatividade, motor do desenvolvimento regional e uma fibra, que é, ao mesmo tempo, ancestral e mais atual do que nunca.

No Brasil, a confiabilidade do algodão é construída e praticada no dia a dia a partir de três pilares já bastante consolidados. O primeiro deles é a rastreabilidade, garantida pelo Sistema Abrapa de Identificação (SAI), criado em 2004 para assegurar o acompanhamento

e a identificação do algodão brasileiro fardo a fardo e que, em 2021, possibilitou ao programa SouABR entregar rastreabilidade completa, da semente até o produto final. Em seguida, a sustentabilidade ganhou ainda mais força com o programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR), existente desde 2012 e reconhecido por promover boas práticas socioambientais nas fazendas, unidades de beneficiamento e terminais retroportuários. A qualidade foi fortalecida pelo Standard Brasil HVI (SBHRVI), que completa 10 anos em 2026 e foi essencial na abertura de mercados para o algodão brasileiro.

Marcas, varejistas, reguladores e consumidores querem saber cada vez mais de onde vem a fibra, como ela foi produzida e se os compromissos de sustentabilidade podem ser comprovados com dados concretos. Esse movimento é particularmente forte na Europa e na Ásia, onde as discussões sobre origem, compliance ESG e transparência nas cadeias produtivas avançam rapidamente. A responsabilidade socioambiental é tão importante para as marcas quanto a consistência e a qualidade são para a indústria têxtil. Ainda assim, as fibras sintéticas não costumam ser submetidas ao mesmo grau de questionamento sobre sua

MAGNA

LOGISTICS SOLUTIONS

- COTTON EXPORT LOGISTICS · BRAZIL TO THE WORLD

Brazil's cotton, delivered with precision.

From **Brazilian farms** to ports worldwide, Magna manages every link of the cotton export chain — **field, road, port, and vessel** — with the reliability that global buyers trust.

100%

FARM-TO-PORT CONTROL

5

EXPORT CORRIDORS SERVED

24/7

SHIPMENT TRACKING

• +55 13 99144-9279 • magnalogistics.com • [@magna_logistics](https://www.instagram.com/magna_logistics)

THE RIGHT CHOICE FOR LOGISTICS IN BRAZIL



origem e seus modelos de produção, gerando condições desiguais de comparação entre diferentes fibras.

Ao mesmo tempo que a adaptação exige investimento, organização, padrões técnicos e compromisso de longo prazo, a oportunidade para a fibra natural também é significativa. Os produtores capazes de combinar escala, qualidade, sustentabilidade e transparência estarão melhor posicionados na próxima etapa do comércio têxtil global. O Brasil acredita que o algodão pode desempenhar um papel central nessa transição. A cotonicultura brasileira opera em um ambiente altamente profissionalizado, sustentado por tecnologia, pesquisa científica, gestão moderna e programas contínuos de aperfeiçoamento.

O mercado valoriza cada vez mais cadeias produtivas capazes de oferecer informações claras desde a fazenda até o consumidor final. Não se trata apenas de uma tendência de marketing, mas de uma exigência para acessar mercados de maior valor agregado e construir relações comerciais duradouras. Em todo o

mundo, consumidores demonstram interesse crescente por sustentabilidade e transparência, mas ainda enfrentam dificuldade para acessar informações confiáveis sobre a origem dos produtos que consomem. Atributos como confiança e transparência só uma fibra natural, produzida no campo, cultivada por pessoas reais, pode oferecer.

Em um mundo cada vez mais marcado pela incerteza, a confiança se tornou um dos ativos mais valiosos do comércio global. Fortalecer mecanismos de rastreabilidade reduz essa distância entre produção e consumo e contribui para relações mais sólidas entre o setor têxtil e a sociedade e vem sendo uma das prioridades do trabalho da Abrapa, em contato com seus parceiros internacionais.

A indústria têxtil continuará precisando de escala, eficiência e preços competitivos. Mas também precisará de resiliência, transparência e fornecedores confiáveis. O algodão está bem posicionado para esse futuro. E os produtores de algodão do Brasil seguirão trabalhando para continuar fazendo parte dessa solução.



COFCO INTL

We are a global agri-business and a worldwide cotton trader

COFCO International is committed to supporting the sector-wide push for more sustainable cotton. We seek to contribute to lowering the environmental impacts of cotton cultivation and improving the livelihoods of smallholder farmers.

Find out more :
cofcointernational.com

Grains



Oilseeds



Sugar



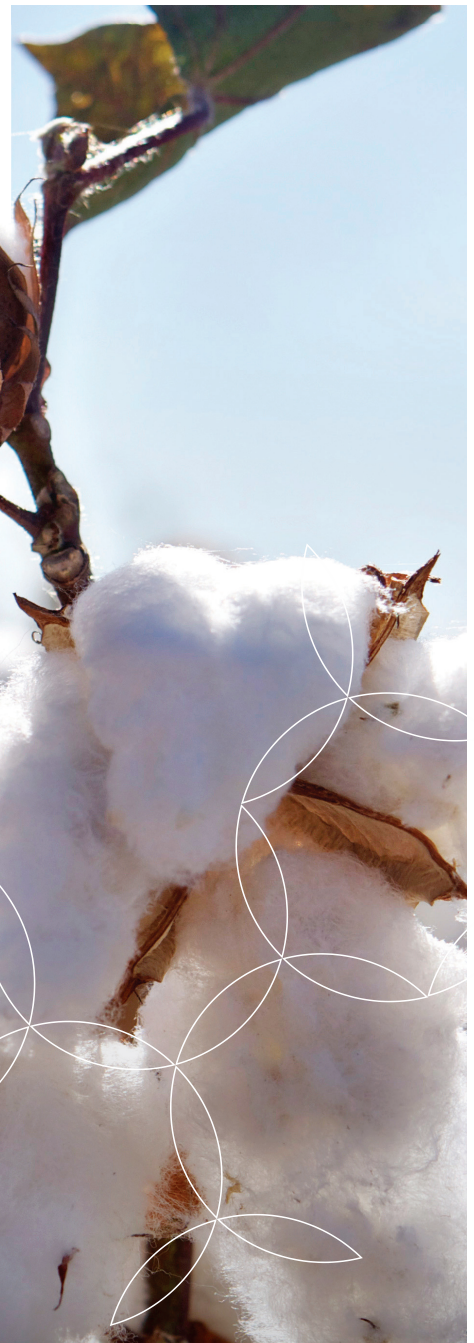
Coffee



Cotton



Freight





A Indústria do Algodão no Brasil: de Fornecedor Doméstico a Competidor Global

KENYO ANDRIES E ARANTES

Diretor Comercial Algodão Brasil

CONTEXTO HISTÓRICO

O algodão brasileiro passou por uma profunda transformação nas últimas décadas. Embora tenha sido uma importante cultura de exportação durante o período colonial, sua produção perdeu relevância ao longo do tempo devido a mudanças econômicas e à crescente concorrência local com outras culturas. Posteriormente, o algodão foi reintroduzido no Sudeste do Brasil por comunidades de imigrantes norte-americanos, mas o grande ponto de virada ocorreu com os avanços tecnológicos, incentivos governamentais e a expansão da agricultura para o Cerrado. Estados como Mato Grosso e Bahia passaram a se destacar como grandes produtores, impulsionados pela produção em larga escala e por condições favoráveis. Atualmente, o Brasil deixou de ser importador para se tornar um dos maiores exportadores mundiais, reconhecido pelos avanços em qualidade, rastreabilidade e sustentabilidade, fatores que fortalecem sua posição no mercado global.

CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

A expansão da produção de algodão no Brasil acelerou significativamente durante as décadas de 1990 e 2000, especialmente com a consolidação da região do Cerrado como uma das mais importantes fronteiras agrícolas do país. A migração da produção das regiões tradicionais do Sul e Sudeste para o Centro-Oeste transformou a escala e a eficiência do setor.

O Mato Grosso tornou-se o principal estado produtor de algodão do Brasil, seguido pela Bahia e Minas Gerais (Figura 1). A adoção de sistemas agrícolas altamente mecanizados, combinada com avanços em tecnologia de sementes, fertilização, controle de pragas e agricultura de precisão, permitiu aos produtores brasileiros alcançar ganhos substanciais de produtividade ao longo dos anos.

Uma característica importante da produção brasileira de algodão é sua integração aos sistemas de segunda safra, especialmente após o cultivo da soja. À medida que a área de soja se expandiu no Cerrado, os produtores passaram a buscar alternativas rentáveis para a segunda safra que pudessem utilizar a infraestrutura, maquinário e insumos agrícolas já existentes. Junto ao milho, o algodão tornou-se uma das principais alternativas, especialmente no Mato Grosso. Esse sistema otimizou o uso da terra, aumentou a rentabilidade das propriedades e contribuiu significativamente para o rápido crescimento da produção de algodão no Brasil.

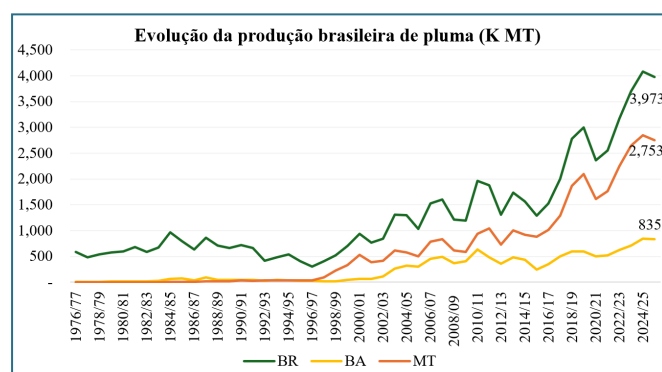


Figura 1: Evolução da produção de pluma desde a safra de 1976/77, incluindo a estimativa para a safra 2025/26. Fonte: CONAB, 2026.

Com o aumento da produção, o Brasil deixou gradualmente de ser um importador de algodão para se tornar um dos maiores exportadores do mundo (Figura 2). Nos últimos anos, as exportações brasileiras de algodão cresceram consideravelmente, principalmente para mercados asiáticos como China, Vietnã, Bangladesh e Paquistão.

Esse avanço também foi acompanhado por investimentos em logística, armazenagem e comercialização. Embora a infraestrutura de transporte ainda represente um desafio em algumas regiões, o setor tem demonstrado forte capacidade de adaptação e competitividade no mercado global.

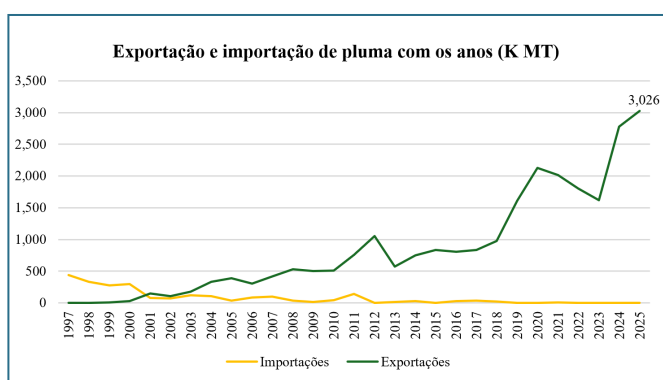


Figura 2: Importações e exportações do Brasil com o passar dos anos. Fonte: COMEX, 2026.

QUALIDADE, SUSTENTABILIDADE E MERCADO INTERNACIONAL

Paralelamente ao aumento da produção, a qualidade do algodão brasileiro melhorou substancialmente nas últimas décadas. Investimentos em melhoramento de sementes, manejo agrícola e tecnologias de classificação da fibra permitiram ao Brasil fortalecer sua competitividade frente a exportadores tradicionais, como Estados Unidos e Austrália.

A adoção de sistemas padronizados de classificação e do High Volume Instrument (HVI) aumentou a transparência e a consistência da qualidade da fibra. Atualmente, o algodão brasileiro é reconhecido internacionalmente por características como resistência, comprimento e uniformidade, fatores cada vez mais valorizados pela indústria têxtil.

Ao mesmo tempo, a sustentabilidade tornou-se um componente essencial do posicionamento do algodão brasileiro no mercado internacional.

No matter where you ship your cotton...

WE R THERE FOR YOU.

Rekerdres & Sons Insurance Agency provides marine insurance to cotton merchants the world over.

Our expertise allows us to tailor policies to your specific needs- knowing the ins and outs of cotton is what we do!

Get in touch with us at www.reksons.com



Consumidores globais, indústrias têxteis e grandes marcas demandam cada vez mais rastreabilidade, responsabilidade ambiental e práticas sustentáveis ao longo de toda a cadeia produtiva.

Nesse contexto, o Brasil tornou-se uma das origens mais relevantes do programa Better Cotton no mundo. A estrutura de sustentabilidade do setor é fortemente apoiada pelo programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR), desenvolvido pela Abrapa e alinhado aos padrões do Better Cotton. Essa conexão permite que o algodão certificado pelo ABR também seja licenciado como Better Cotton, fortalecendo a posição do país entre compradores internacionais que exigem rastreabilidade, responsabilidade social e conformidade ambiental.

Isso passou a representar uma parte importante do marketing do algodão brasileiro. O país já não promove apenas volume e qualidade da fibra, mas também um sistema produtivo baseado em boas práticas agrícolas, conformidade legal, segurança do trabalhador e gestão ambiental. Para indústrias e marcas, isso agrega valor ao algodão brasileiro e ajuda a diferenciá-lo em um mercado onde as exigências relacionadas à sustentabilidade estão cada vez maiores.

DINÂMICA DE MERCADO E POSICIONAMENTO

Essa presença internacional mais forte também alterou a forma como o algodão brasileiro é precificado e percebido em relação a outras origens. Os níveis de basis passaram a ser um importante indicador da competitividade do Brasil, refletindo não apenas qualidade da fibra, mas também disponibilidade, condições

de frete, demanda global e o tamanho do excedente exportável.

Progressivamente, melhorias na qualidade da fibra, confiabilidade e capacidade de exportação contribuíram para uma maior aceitação do algodão brasileiro entre compradores internacionais. Quando comecei a trabalhar com algodão, em 2012, o padrão brasileiro era 41-4, fibra 35, resistência mínima de 27 GPT e G5. Atualmente, porém, a maior parte dos compradores globais – especialmente na China – exige 31-3, fibra 37, resistência mínima de 28 GPT e G5. Segundo o relatório da Abrapa de março de 2026, 79,1% do algodão brasileiro apresenta fibra 37 ou superior, e 71,4% possuem classificação de cor (grade) 31 ou melhor. Isso demonstra a capacidade do Brasil de melhorar continuamente a qualidade da fibra e atender às exigências cada vez maiores do mercado. Além disso, à medida que clientes internacionais se tornam mais habituados ao uso do algodão brasileiro, menores serão as perdas e desperdícios observados nos processos industriais. Como consequência, muitos compradores aumentam gradualmente a participação do algodão brasileiro em seu mix total de consumo, reforçando a posição do país como um dos principais fornecedores globais da indústria têxtil.

Recentemente, no entanto, o mercado passou a apresentar uma dinâmica diferente. A rápida expansão da produção brasileira, combinada com grandes estoques globais e uma demanda mais fraca do setor têxtil, contribuiu para níveis de basis mais baixos para o algodão brasileiro. Além disso, a desaceleração econômica, juros elevados e a redução do consumo em mercados importantes afetaram negativamente o consumo têxtil e a demanda por fios em nível global.

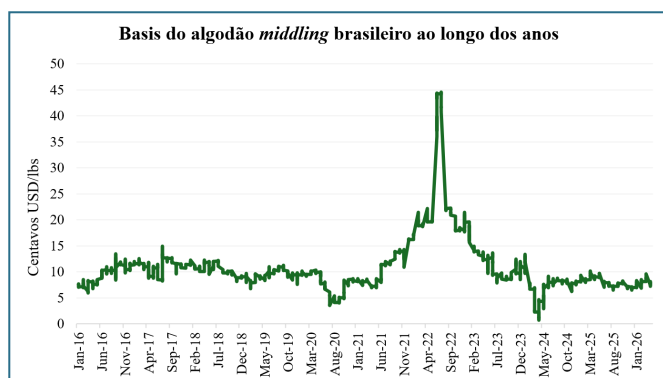


Figura 3: Basis do algodão middling brasileiro nos últimos dez anos. Fonte: Cotlook, 2026.

Como resultado, os compradores passaram a ter maior acesso ao algodão disponível de múltiplas origens, aumentando a concorrência entre exportadores. Ainda assim, o algodão brasileiro manteve-se altamente competitivo, principalmente devido ao seu elevado volume exportável, qualidade consistente e forte disponibilidade.

Essa competitividade também ficou evidente nos volumes recordes de exportação registrados nos últimos dois anos: 415,6 mil toneladas em janeiro de 2025 e 452,5 mil toneladas em dezembro de 2025. Na safra 2023/24, o Brasil superou os Estados Unidos e tornou-se o maior exportador mundial de pluma de algodão. Essa mudança foi impulsionada não apenas pela menor disponibilidade norte-americana devido a problemas climáticos, mas também pela capacidade do Brasil de suprir essa lacuna no mercado global.

Os níveis de basis tiveram papel importante nesse processo. Nos últimos anos, o algodão brasileiro frequentemente foi negociado com desconto médio entre 4 e 6 centavos de dólares em relação ao algodão norte-americano de qualidade semelhante, contribuindo para manter a competitividade do país. Esse diferencial foi possível graças à eficiência dos produtores brasileiros em manter custos de produção competitivos frente a outras origens.

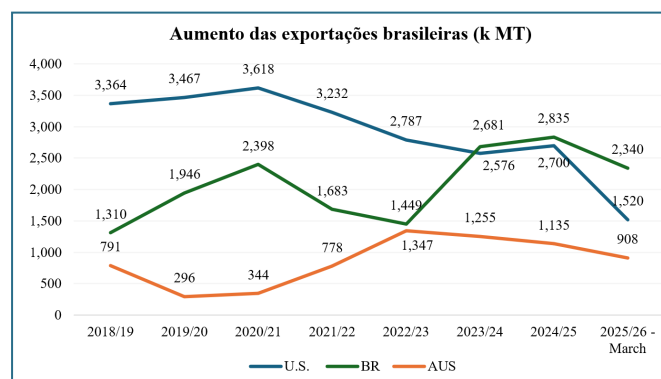


Figura 4: Maiores exportadores de pluma do mundo, destacando o rápido crescimento do Brasil nos últimos anos (MY Agosto-Julho; 25/26 até março). Fonte: Global Trade Tracker, 2026.

As condições de frete, taxas de câmbio e tamanho da safra continuam desempenhando papel fundamental na formação do basis e na competitividade das exportações. Ainda assim, a crescente participação do Brasil no comércio internacional consolidou o país como

ICA BRAZIL 2027
12-14 OCTOBER
SÃO PAULO, BRAZIL



ICA-LTD.ORG | EVENTS@ICA-LTD.ORG

uma das principais origens do mercado global de algodão.

Em um país frequentemente descrito como abençoado por Deus, onde parte da área de milho segunda safra pode ser convertida em algodão, o Brasil possui condições de continuar atendendo à demanda mundial com responsabilidade social e ambiental. Segundo relatório de maio da CONAB, a área de milho segunda safra no Brasil é estimada em 17,8 milhões de hectares. Caso apenas 5% dessa área – aproximadamente 890 mil hectares – fossem convertidos para algodão, seria possível produzir cerca de 1,691 milhão de toneladas adicionais de pluma, considerando produtividade média de 1,900 kg por hectare. Isso representaria um aumento

de aproximadamente 42% na produção, considerando a expectativa de cerca de 4 milhões de toneladas na safra 2025/26. O mais relevante é que esse crescimento potencial pode ocorrer sem necessidade de abertura de novas áreas, utilizando principalmente áreas agrícolas já consolidadas e sistemas produtivos modernos e sustentáveis.

A trajetória do algodão brasileiro já não se resume apenas ao crescimento da produção. Trata-se da transformação de uma cultura doméstica em uma origem global, competitiva e cada vez mais sustentável. Com qualidade, rastreabilidade e espaço para continuar expandindo, o Brasil tende a permanecer no centro do comércio mundial de algodão nos próximos anos.

REFERÊNCIAS:

ABRAPA. Algodão Brasileiro Responsável — ABR. Associação Brasileira dos Produtores de Algodão. Disponível em: <https://abrapa.com.br/algodao-brasileiro-responsavel-abr/>.

ALCANTARA, I. R.; VEDANA, R. VIEIRA FILHO, J. E. Produtividade do algodão no Brasil: uma análise da mudança estrutural. Texto para Discussão n. 2682. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.38116/td2682>.

BETTER COTTON. Better Cotton Standard System. Better Cotton Initiative. Disponível em: <https://bettercotton.org/what-we-do/defining-better-our-standard/>.

BRASIL, Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Série Histórica de Produção, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/series-historicas>.

BRASIL, Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA). Serviço de Algodão, 2019. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/739-servico-de-algodao>.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Comércio exterior, 2026. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>.

COSTA, S. R.; BUENO, M. G. A saga do algodão: das primeiras lavouras à ação na OMC. Rio de Janeiro: Insight Engenharia, 2004. Disponível em: https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/culturas_anuais/livros/A%20SAGA%20DO%20ALGODAO.pdf.

COTLOOK. Historical basis series by origin. Cotlook Ltd. Subscription database.

Global Trade Tracker (GTT). International trade subscription database, 2026.



FIBRAFORTE

**GROWING WITH THE COTTON INDUSTRY,
DELIVERING SOLUTIONS,
SERVING BRAZIL AND THE WORLD.**

contato@fibraforte.agr.br | +55 66 3426.1818 | www.fibraforte.agr.br | Fibra Forte Comercial e Transportes | fibraa.forte

The banner features the FIBRAFORTE logo in green and blue, with a stylized cotton plant graphic. The background shows a cotton field at sunset, with a large white circular graphic framing the scene. At the bottom, there are social media and contact icons for email, phone, website, LinkedIn, and Instagram.



WAKEFIELD
INSPECTION SERVICES

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Brasil consolidou-se como o maior exportador de algodão do mundo. Esta foi uma grande conquista para a indústria do algodão do país, e os parabéns devem ser estendidos a todos os produtores e exportadores de algodão no Brasil, bem como às principais associações (ABRAPA, ANEA, Cotton Brazil, ABIT e Embrapa) e demais parceiros de toda a cadeia de suprimentos que trabalharam juntos para chegar a este ponto.

No entanto, com essa rápida expansão surgiram muitos desafios, especialmente na área de logística. Embora a infraestrutura de transportes do país tenha melhorado muito ao longo dos anos, ainda há muito trabalho a ser feito para atender ao aumento da demanda por transporte rodoviário, ferroviário e marítimo. Esses desafios são bem conhecidos pelo setor e não serão abordados em profundidade aqui; no entanto, eles também causaram um efeito dominó no setor de controle e fiscalização no Brasil, que também precisa de desenvolvimento para acompanhar a demanda atual.

Congestionamentos, capacidade restrita e fluxos logísticos fragmentados não causam apenas interrupções ocasionais; pelo contrário, são características recorrentes do processo de exportação no Brasil. Essas restrições determinam as condições em que o algodão é manuseado, armazenado e preparado para o embarque – um processo que inclui a inspeção. As exigências adicionais dos últimos anos por credenciais de rastreabilidade e sustentabilidade trouxeram novos desafios. Mais uma vez, este é outro aspecto que abordaremos neste artigo.

A INSPEÇÃO DO ALGODÃO NA ATUALIDADE

O ponto de partida para qualquer análise do mercado do algodão é Santos. Como os



O processo de inspeção no Brasil — os desafios práticos da inspeção de uma safra cada vez maior, tendo em vista a crescente ênfase na qualidade e na sustentabilidade

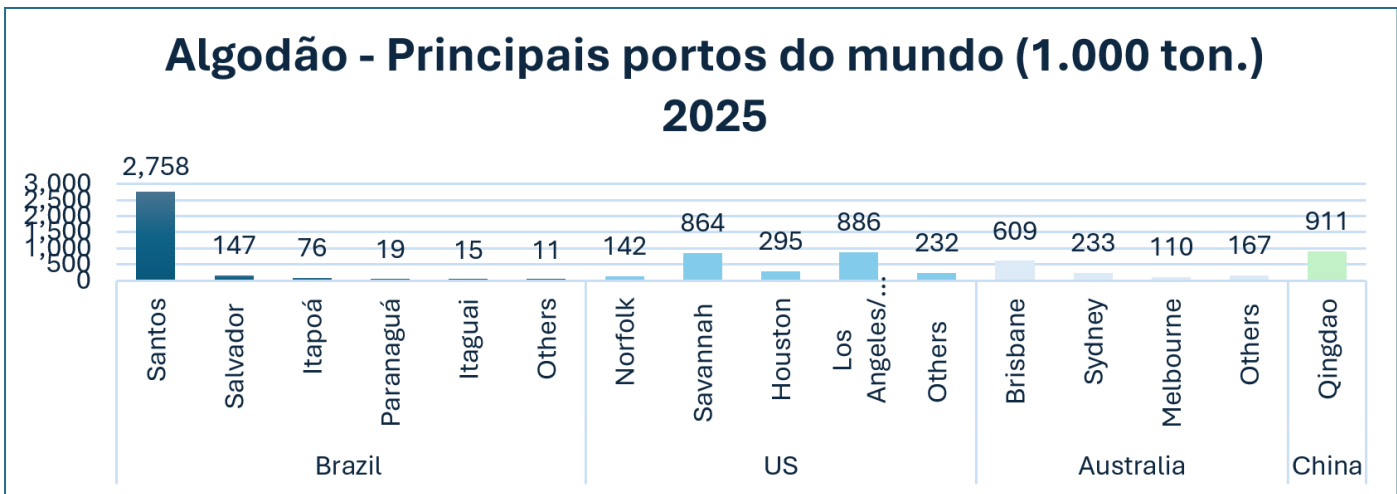
VICTOR FERNANDES

Gerente de País (Brasil) na Wakefield Inspection Services

BRENNO QUEIROZ

Presidente do Comitê de Logística da Associação Nacional de Exportadores de Algodão (ANEA)

leitores devem saber, as exportações brasileiras de algodão continuam a depender fortemente de corredores logísticos concentrados, especialmente através do porto de Santos. Bem mais de 90% das exportações de algodão do Brasil são embarcadas por Santos, tornando-o, por uma margem considerável, o porto de exportação de algodão mais movimentado do mundo.



Atualmente, o algodão é carregado nas fazendas, nos centros de descarregamento ou nos centros de distribuição do interior e entregue nos terminais de Santos por caminhão ou por ferrovia.

Cada terminal é diferente e possui procedimentos distintos que uma empresa de inspeção deve seguir para garantir um processo tranquilo e eficiente. Na verdade, porém, em um esforço para gerar uma maior padronização entre os terminais, a ANEA e a ABRAPA criaram uma certificação logística (ABR-Log) para os terminais de estufagem de algodão em todo o Brasil. O objetivo a médio e longo prazo é que os exportadores de algodão utilizem apenas terminais certificados, o que ajudará a sanar eventuais lacunas operacionais ou falhas na integridade dos fardos de algodão no Brasil. Consideramos isso um avanço fantástico para o setor.

As entregas feitas por caminhão ou ferrovia são sempre acompanhadas de Nota Fiscal e romaneio de carga, detalhando os fardos contidos em cada caminhão ou vagão. A principal responsabilidade do inspetor é verificar se os fardos previamente indicados pelo exportador são os mesmos que chegam ao terminal de carregamento.

Os caminhões rodoviários costumam transportar cerca de 150 fardos. Esses fardos podem ter vários tamanhos e formatos, e as remessas não correspondem necessariamente à quantidade exata de fardos que podem ser carregados nos contêineres. No Brasil, existem atualmente nove configurações diferentes de caminhões capazes de transportar de 110

a 250 fardos. Considerando que os lotes de exportação são geralmente compostos por 110 fardos, não é incomum que várias Notas Fiscais e diversos lotes diferentes cheguem no mesmo caminhão, muitas vezes sem uma separação física clara.

O algodão brasileiro é geralmente embalado em dois formatos principais: *fardinho* e *fardão*. Os contêineres são normalmente carregados com 110 ou 124 fardos, embora haja variações frequentes. Relatórios recentes do setor indicam a existência de mais de 18 subtipos de dimensões e pesos de fardos. Portanto, é responsabilidade do inspetor garantir que todos os contêineres de uma mesma instrução de embarque estejam devidamente equilibrados e padronizados, minimizando o risco de problemas operacionais durante a movimentação dos contêineres, o transporte e o carregamento do navio.

É responsabilidade do inspetor garantir que os fardos carregados sejam os fardos corretos, mas também que estejam nas melhores condições possíveis antes do carregamento e que o próprio contêiner esteja limpo e em bom estado, sem sinais de furos ou danos.

Isso é importante, pois os fardos de algodão podem permanecer no contêiner por longos períodos, passando por diferentes regiões com diferentes temperaturas e níveis de umidade. Quaisquer fardos com danos ou umidade excessiva podem se deteriorar durante o transporte, o que só será percebido no destino. Assim, a função do inspetor de algodão é minimizar esse risco tanto quanto possível.

Uma empresa de inspeção também deve elaborar os documentos de referência que os exportadores utilizarão para preparar a documentação fiscal e aduaneira de exportação. Do ponto de vista prático, além de verificar se os fardos corretos foram entregues, bem como o estado dos fardos entregues e dos próprios contêineres, uma das principais funções de um inspetor é informar a quais notas fiscais e lotes os fardos correspondem. Isso é importante porque lotes diferentes podem ter pesos diferentes, e o exportador pode incorrer em multas se a documentação alfandegária for apresentada incorretamente.

EVOLUÇÃO EM MATÉRIA DE RASTREABILIDADE E SUSTENTABILIDADE

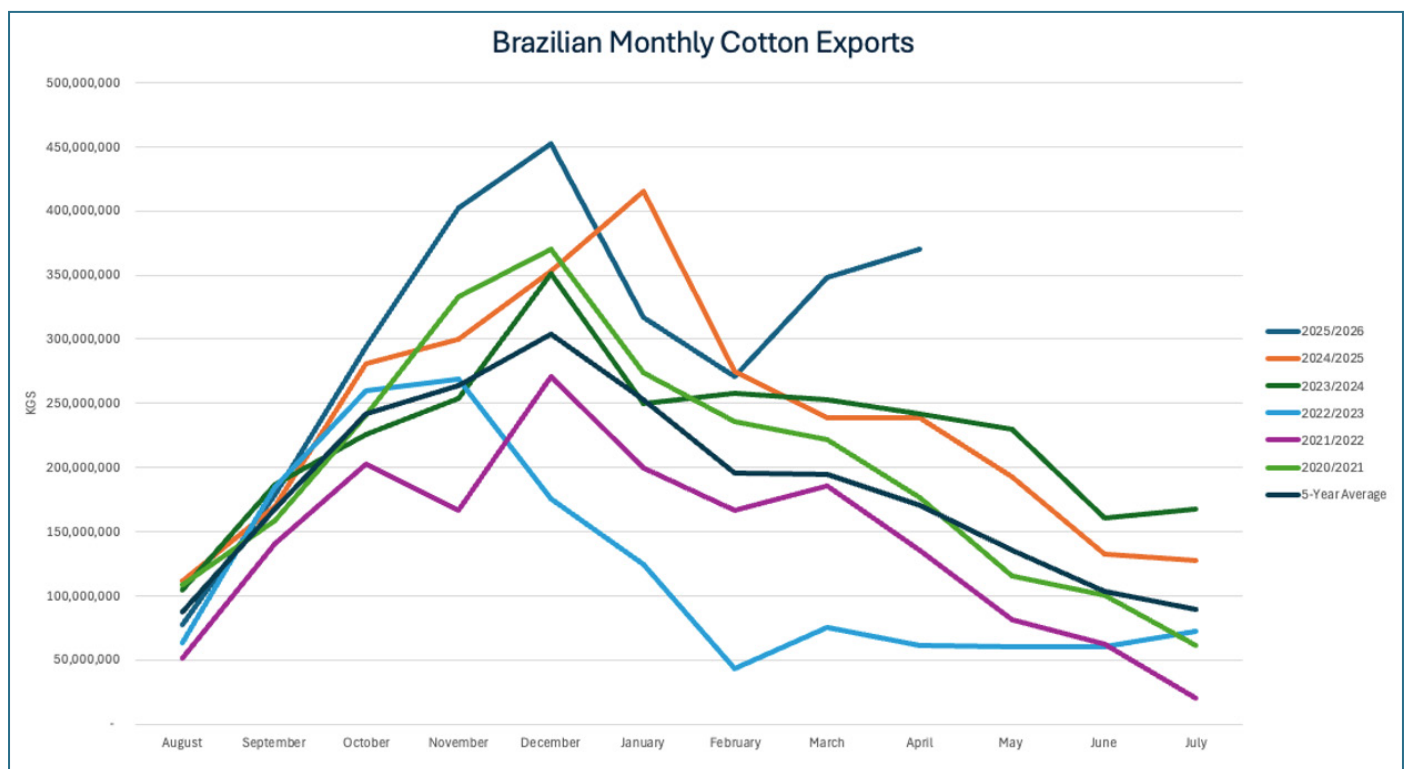
A maior dificuldade para um inspetor no que diz respeito à rastreabilidade e à sustentabilidade é, simplesmente, o custo do transporte até as regiões do Brasil para realizar inspeções no local. Na verdade, esse é um problema no

mundo todo; no entanto, as distâncias entre as localidades no Brasil representam um desafio particular. Portanto, existem muitos programas de sustentabilidade e rastreabilidade que exigem apenas pesquisas de “autoavaliação” ou “documentação em papel”, o que claramente acarreta o risco de coleta de dados imprecisos ou falsos.

Além disso, observa-se que cada programa exige o cumprimento de critérios diferentes e, muitas vezes, o mesmo local precisa ser inspecionado várias vezes. A fadiga de auditorias é uma realidade, mesmo para as empresas de inspeção!

DE PICOS SAZONAIS À DEMANDA CONTÍNUA

Historicamente, as exportações brasileiras de algodão seguiram um padrão sazonal, com a pressão logística concentrada nos meses após a colheita. Essa dinâmica mudou significativamente nas últimas temporadas.



Fonte: Comexstat

O Brasil agora fornece algodão para o mundo durante todo o ano, transformando o que antes era um desafio sazonal em uma demanda operacional contínua. A infraestrutura logística está sob pressão constante, e o sistema já não se beneficia de períodos de recuperação entre os picos de demanda.

Essa transição aumenta a complexidade do planejamento e da execução. Os processos de inspeção, em particular, devem se adaptar a cargas de trabalho contínuas, exigindo níveis mais elevados de eficiência, coordenação e consistência por longos períodos.



“Your contact in Greece”
“Seu contato na Grécia”

NICOT
Parthenonos 1-3
Nea Erythrea 14671
Athens, Greece
Tel: +30 210 8000007
Email: info@nicot.gr



Greek/Egyptian cotton & cotton seed broker
Corretor de algodão e sementes de algodão de origem grega e egípcia

CONCLUSÃO

Apesar dos desafios enfrentados pelas empresas de inspeção no Brasil, uma coisa é clara: esses são “problemas bons” de se ter! O aumento na produção e nas exportações tem sido animador, e cabe aos prestadores de serviços acompanhar essa nova demanda, bem como as novas exigências e o aumento dos volumes.

TransGlobal
Inspections

COTTON
100%
CONTROLLER

Experience on your side
www.transglobalcotton.com

AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS CONTINUAM A CRESCER

Na edição especial da ANEA do ano passado, comentei sobre o impressionante aumento da produtividade brasileira nas últimas temporadas e o crescimento das vendas e dos embarques de exportação que acompanhou esse aumento. A posição do país como o maior exportador mundial de algodão está agora bem consolidada, situação que se mantém há três ciclos de comercialização consecutivos (supondo que esse feito se repita em 2025/26, o que, no momento em que este artigo foi escrito, parece não deixar margem para dúvidas). Entre agosto e abril desta temporada, as exportações do Brasil totalizaram mais de 2,7 milhões de toneladas, cerca de um milhão de toneladas a mais do que as exportações dos Estados Unidos no mesmo período e aproximadamente 1,8 milhão de toneladas a mais do que as da Austrália.

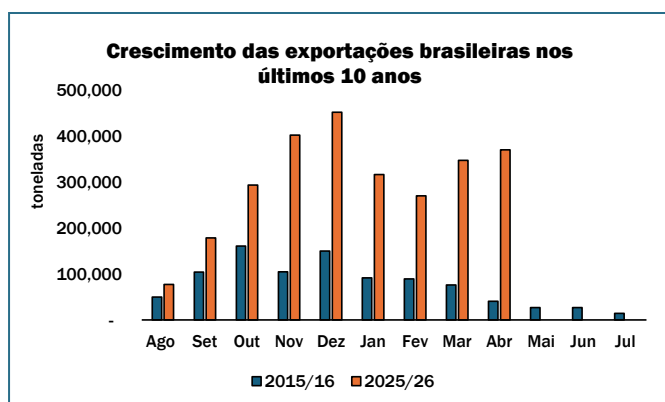
Em grande parte, o forte desempenho das exportações brasileiras decorre do aumento da produção nos últimos anos: a safra atingiu um recorde de 4,1 milhões de toneladas em 2024/25, segundo estimativas da Cotlook, e, embora a safra possa ser ligeiramente menor na próxima temporada, talvez em torno de 3,85 milhões de toneladas, ela continua sendo consideravelmente maior do que as quantidades observadas há apenas alguns ciclos de cultivo. Na verdade, a primeira vez que a safra brasileira ultrapassou três milhões de toneladas foi em 2019/20 – antes disso, a produção de fibra de algodão na faixa de 1,0 a 2,0 milhões de toneladas era típica, e o padrão sazonal de disponibilidade significava que os embarques frequentemente diminuía após o primeiro trimestre de cada ano civil, só voltando a aumentar quando a nova safra começava a ser embarcada de fato por volta de setembro.



Tendências de Compra de Importadores nos Principais Mercados Consumidores

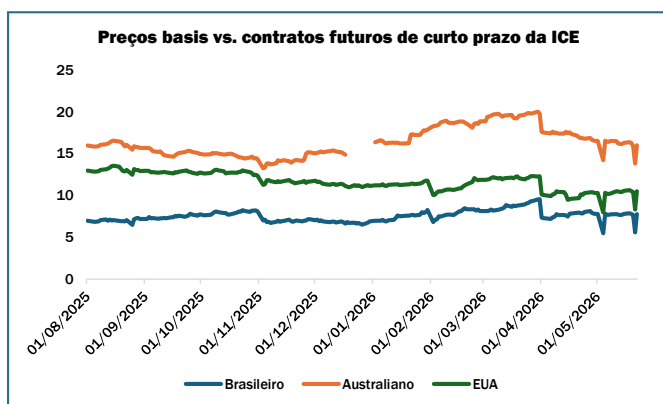
ALICE ROBINSON

Editora Adjunta – Perspectivas do Algodão



No entanto, o aumento da produção permitiu que os exportadores oferecessem algodão brasileiro aos compradores praticamente em qualquer momento da temporada, proporcionando uma fonte constante de abastecimento para as fábricas que precisavam de estoque. Alcançar esse feito também exigiu grandes avanços nas operações logísticas. Embora a grande maioria da safra continue a ser transportada pelo porto de Santos, os investimentos em infraestrutura de transporte e o foco em aumentar a eficiência têm amenizado os gargalos no abastecimento, que, até recentemente, podiam causar atrasos de vários meses nos casos mais graves.

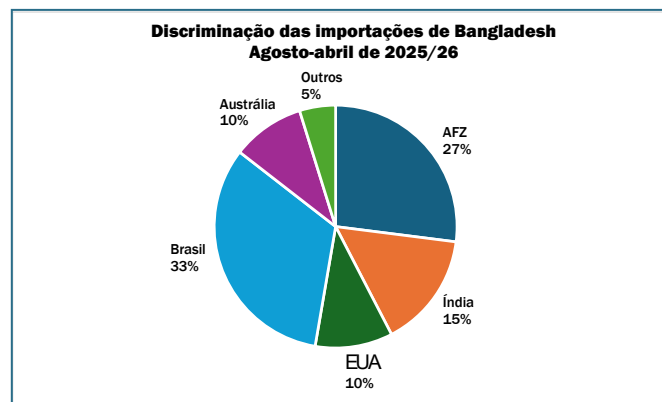
Por fim, o algodão brasileiro tem se beneficiado da vantagem de preço em relação aos seus principais concorrentes, que resulta principalmente de um custo de produção menor em comparação com outras origens. Os níveis de basis (diferencial de preço) em relação ao contrato futuro à vista da ICE variaram, nos últimos nove meses, de cerca de 600 a 950 pontos de centavos, vários centavos abaixo dos suprimentos dos EUA. O custo da pluma australiana foi ainda mais elevado, enquanto a pluma da Zona do Franco — que vem perdendo cada vez mais participação de mercado em seu principal destino, Bangladesh — também foi negociada a preços consideravelmente superiores aos praticados para a pluma brasileira.



PADRÕES DE COMPRA DE IMPORTAÇÕES NOS PRINCIPAIS MERCADOS CONSUMIDORES

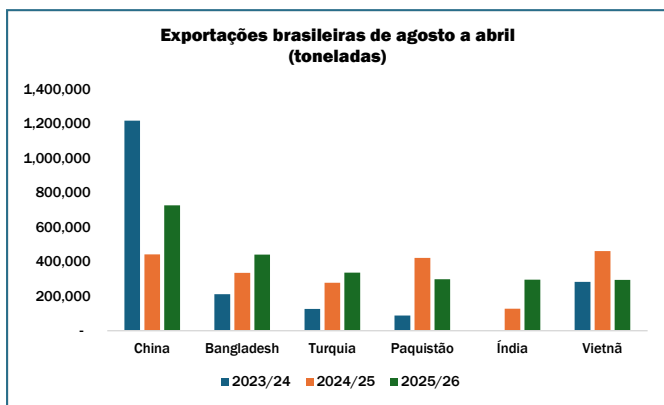
Vários dos principais mercados de destino aumentaram suas compras de pluma brasileira tanto em termos de volume quanto em termos percentuais até o momento nesta temporada. Em Bangladesh, as chegadas provenientes do país entre agosto e abril de 2026 totalizaram quase 390.000 toneladas, contra 168.400 no mesmo período do ano anterior. O Brasil ultrapassou a Zona do Franco Africano – que por algum tempo foi o principal fornecedor do setor de fiação de Bangladesh – e passou a representar 33% das importações no período de nove meses. Em comparação, a pluma da Zona do Franco representou 27% do total, contra 40% no mesmo período do ano passado. Os fiandeiros desse destino, que tradicionalmente preferiam as características específicas da fibra da Zona do Franco, têm se acostumado cada vez mais ao algodão brasileiro e aumentado a proporção utilizada em suas misturas.

Dito isso, o algodão norte-americano também está atraindo uma demanda maior, devido a um benefício esperado para os exportadores para os EUA de produtos acabados fabricados com matéria-prima proveniente daquele país. O aumento percentual foi, no entanto, menos acentuado: de 6% em 2024/25 para 10%.



Quanto ao padrão de compras na China, as aquisições no exterior até agora, na temporada 2025/26, têm sido muito mais intensas do que no ano passado. As importações têm sido impulsionadas pelos preços bastante elevados no mercado local, pelos preços de venda mais altos das fibras à base de petróleo concorrentes, decorrentes do conflito no Oriente Médio, e pelo consumo interno robusto. As chegadas nos primeiros nove meses da temporada totalizaram aproximadamente 1,27 milhão de toneladas (contra pouco mais de um milhão no mesmo período do ano anterior), sendo que o Brasil representou cerca de metade do total.

A proporção de algodão norte-americano adquirido caiu de aproximadamente 17% na safra de 2024/25 para apenas 5%. No entanto, até o momento da redação deste artigo, os presidentes Xi e Trump se reuniram recentemente para discutir as relações comerciais entre os dois países, e surgiram relatos de um aumento nas compras de produtos agrícolas dos EUA, embora ainda se aguardassem detalhes confirmados. Além disso, têm circulado fortes rumores de que uma liberação de estoques da Reserva Estatal chinesa (que, segundo estimativas atuais, pode chegar a cerca de 2,5 a 3,0 milhões de toneladas) pode estar iminente, com o objetivo de arrefecer o mercado local superaquecido. Pode-se esperar que uma recomposição dos estoques de reserva ocorra após qualquer liquidação, abrindo caminho para compras maiores no geral, mas talvez com foco nos estilos dos EUA.



O apetite dos fiandeiros pelo algodão brasileiro também continua em alta na Turquia. À medida que o setor parece finalmente se recuperar um pouco do terremoto devastador de 2023, aquele destino retomou as importações a todo vapor, registrando um crescimento anual geral superior a 20% no período de agosto a março. O Brasil contribuiu com 43% do total, um aumento de nove pontos percentuais em relação ao mesmo período de 2025.

O Vietnã, por sua vez, contrariou essa tendência, reduzindo suas compras de algodão brasileiro em favor do norte-americano, talvez mais uma vez em uma tentativa de se beneficiar de uma vantagem ainda não confirmada para os exportadores de vestuário que vendem a varejistas dos EUA. Relatos informais indicam que os pedidos do setor de transformação frequentemente têm exigido fios produzidos com 100% de pluma dos EUA. No período de agosto a abril, o Vietnã importou 1,22 milhão de toneladas de algodão cru, das quais 45% foram provenientes dos EUA (um aumento em relação aos 28% registrados até abril de 2025), enquanto a participação do Brasil caiu de 35% para 20%.

No entanto, as exportações brasileiras estão claramente em trajetória ascendente. A previsão mais recente do USDA para os embarques em 2025/26 é de 3,2 milhões de toneladas, o que implica que 500.000 toneladas serão transportadas entre maio e julho. Essa meta parece perfeitamente atingível, e o valor final pode até superar o número estimado por Washington. Quanto a 2026/27, o USDA prevê que as exportações do Brasil terão um novo aumento modesto, apesar de uma safra menor.

O QUE ACONTECE A SEGUIR?

Ao tentar prever as perspectivas para as compras externas na próxima temporada, pode ser útil examinar nossas estimativas

de consumo e as necessidades implícitas de importação em alguns dos principais consumidores em 2026/27.

Na China, projetamos atualmente um consumo na ordem de 9,1 milhões de toneladas, uma leve queda em relação a 2025/26. No entanto, sinais vindos de Pequim de que o plantio de algodão poderá ser desincentivado em favor das culturas alimentares levam-nos a prever uma queda na produção em relação à safra excepcional observada este ano, para quase 7,4 milhões de toneladas. A necessidade estatística de importação, portanto, situa-se em 1,7 milhão de toneladas, antes que qualquer potencial ação da Reserva Estatal ou de armazenamento seja considerada. Mesmo se a proporção de algodão brasileiro adquirida por compradores chineses cair dez pontos percentuais, por exemplo, pode-se esperar que um mínimo de 700 mil toneladas mude de mãos naquele destino.

As perspectivas para o consumo em Bangladesh são cautelosamente positivas, com os números da Cotlook indicando uma alta de dois por cento em relação a 2025/26. Os embarques brasileiros para aquele mercado aumentaram de forma constante nos últimos anos, passando de 10% do total de agosto-abril em 2023/24 para 16% no ano comercial corrente. É razoável imaginar que a tendência possa ser mantida, a menos que ocorra alguma transformação nos países produtores da Zona do Franco que resulte em níveis de basis consideravelmente mais baixos (e, mesmo assim, apenas se os fiandeiros puderem ser convencidos a mudar seus padrões de compra de volta para a pluma da África Ocidental).

Enquanto isso, no Paquistão e na Turquia, espera-se que o consumo permaneça praticamente estável em 2026/27, ao passo que uma leve alta é prevista no Vietnã.

No entanto, uma ressalva deve ser aplicada ao que foi dito acima. Em abril, a taxa de inflação dos EUA saltou para 3,8%, ante 3,3% em março, enquanto a alta na Zona do Euro foi de 2,6% para 3,0%. Se essa tendência persistir, ela poderá frear os gastos dos consumidores em itens discricionários, incluindo produtos têxteis. Em um caso como esse, não está claro se a demanda por fibra cairia de forma igual em todo o espectro, ou se o algodão se sairia melhor ou pior do que o seu principal concorrente.



Há 70 anos, a **Laferlins** conecta produtores ao mercado global de algodão.

Com análise, transparência e credibilidade, transformamos oportunidades em negócios e construímos relações de confiança no Brasil e no exterior.

Sete décadas aproximando pessoas, mercados e resultados.

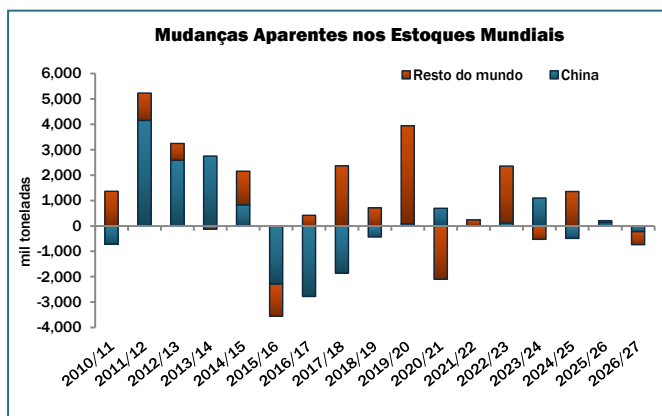


As perspectivas para a produção em outros grandes países exportadores também parecem favorecer o Brasil no próximo ano. A situação no cinturão produtor dos EUA é sempre uma das principais preocupações para os participantes do mercado, e o consenso é de que a produção cairá em 2026/27 – embora em que magnitude permaneça uma questão de conjectura. A área plantada pode acabar sendo maior do que no ano passado, mas os níveis de umidade do solo em muitas áreas importantes continuavam muito baixos em meados de maio, embora o impacto de um período prolongado de chuvas no final daquele mês ainda não esteja claro. Como sempre, os próximos meses serão cruciais para determinar o volume final da safra, influenciado em grande parte pela escala de abandono de área no oeste do Texas, um indicador que é sempre extremamente difícil de prever.

Enquanto isso, a menor disponibilidade de água e o entusiasmo reduzido dos agricultores pelo algodão na Austrália parecem, nesta etapa, sugerir quedas graduais e contínuas na produção durante as temporadas de 2025/26 e 2026/27. Atualmente, estimamos que a

produção no próximo ciclo de cultivo cairá em até 23%, para cerca de 775.000 toneladas – a primeira safra abaixo de um milhão de toneladas desde 2020/21.

Com base nessas estimativas, a Cotlook prevê atualmente um pequeno aumento nos níveis globais de estoques no final de 2025/26, mas uma queda de 736.000 toneladas até 31 de agosto de 2027. Embora esse número não seja propriamente revolucionário, ele marcaria a primeira vez que os estoques mundiais registrariam uma queda desde a temporada de 2020/21, e a primeira vez em mais de uma década que os estoques registrariam quedas tanto na China quanto fora do país.



Brazilian Cotton School conclui terceira turma com imersão prática e visão integrada da cadeia do algodão

**BRAZILIAN COTTON
SCHOOL**



UMA DAS NOVIDADES DESTA EDIÇÃO
FOI A VISITA À PRATICAGEM DE SÃO
PAULO

A terceira turma da Brazilian Cotton School foi concluída na última semana consolidando mais uma edição do programa que vem se firmando como uma das principais iniciativas de formação executiva do setor algodoeiro do país. Ao longo de três semanas intensivas, os participantes vivenciaram uma jornada completa de aprendizado, conectando teoria e prática em diferentes elos da cadeia produtiva.

Criada de forma conjunta pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Associação Nacional dos Exportadores de Algodão (Anea) e pela Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM), a escola tem como propósito qualificar profissionais para uma compreensão ampla e estratégica do mercado, desde a produção até a comercialização internacional do produto.

Além das aulas em Brasília (DF) e São Paulo (SP), ministradas por 60 especialistas do setor, a programação incluiu uma série de visitas técnicas que proporcionaram uma imersão prática e inédita aos participantes. “As visitas técnicas foram fundamentais para conectar teoria e prática, trazendo uma visão real e estratégica do setor”, destacou Marcella Guerreiro Wehrle, diretora executiva da Associação Paulista dos Produtores de Algodão (APPA) e participante da terceira turma.

“Foi uma experiência transformadora, que

ampliou minha visão sobre a cotonicultura e toda a sua cadeia produtiva”, completou.



ALUNA MARCELLA EM VISITA À FAZENDA
SAMAMBAIA DO GRUPO MORESCO

Um dos destaques do cronograma foi a visita ao Porto de Santos, principal corredor de exportação do algodão brasileiro, onde o grupo acompanhou de perto os caminhos da logística portuária e as operações de embarque da fibra com passagem pelo Terminal Redex Alemoa, onde ocorre o carregamento de fardos de algodão em contêiner. “A turma pôde ver fisicamente 4 mil toneladas de fardos estocados e as operações de recebimento, manobras, consolidação e todas as movimentações de containers nos pátios do terminal”, detalhou Luiz Magalhães Ozores, conselheiro da S. Magalhães.

Ainda no litoral paulista, a escola proporcionou, pela primeira vez, uma visita à Sede da Praticagem, onde os participantes da Cotton School puderam compreender o papel estratégico dos práticos na condução segura de navios e na eficiência das operações portuárias — etapa fundamental para a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional.



VISITA AO TERMINAL ALEMOA DA S. MAGALHÃES EM SANTOS (SP)

Já a experiência em campo este ano foi em uma das fazendas de algodão do Grupo Moresco, em Cristalina (GO), referência em tecnologia e produtividade. A atividade ofereceu uma aula de práticas modernas de manejo, sustentabilidade e integração de processos, reforçando a importância da origem da fibra dentro da cadeia, além de visita à GM Algodoeira, dentro da fazenda, especializada no beneficiamento de fibras. Dentro do módulo de plantio e colheita, a terceira turma da escola também teve uma experiência na Casa John Deere, em Campinas (SP), e no Centro de Treinamento da montadora.



VISITA AO CENTRO DE TREINAMENTO DA JOHN DEERE EM CAMPINAS (SP)

Chegando na ponta final da cadeia, a imersão contemplou o setor industrial, com visita técnica à Santista Têxtil em Americana (SP). Lá, os participantes acompanharam as diferentes etapas de transformação do algodão em produto final, compreendendo as exigências da indústria e os padrões de qualidade demandados pelo mercado. Complementando a visão técnica, o grupo esteve presente no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

(Senai), reconhecido pela excelência na formação profissional e no desenvolvimento tecnológico, aprofundando o entendimento sobre inovação, qualificação de mão de obra e o futuro da indústria têxtil.



VISITA TÉCNICA À SANTISTA TÊXTIL EM AMERICANA (SP)

Para a diretoria da Brazilian Cotton School, a terceira turma reafirma o papel da iniciativa na formação de lideranças capazes de atuar de forma estratégica em um setor cada vez mais globalizado e exigente. “A escola nasce da integração entre os diferentes elos da cadeia, e essa vivência prática fortalece justamente essa visão sistêmica, essencial para o momento que o Brasil vive como protagonista no mercado mundial de algodão”, destaca o diretor da escola, Jonas Nobre.

A curadoria do conteúdo da escola é realizada pelo engenheiro agrônomo, Sérgio Dutra, mestre em Agronomia pela ESALQ/USP, doutor em Agronomia no Programa de Energia na Agricultura da FCA – UNESP de Botucatu e consultor. “Nós buscamos aperfeiçoar a cada ano os conteúdos, além de ampliar o número de mentores convidados, avaliando, tanto os temas permanentes, como os temas transversais que são alterados a cada ano conforme necessidade”, relatou Dutra.

Na sua terceira edição, a Brazilian Cotton School formou um total de 36 novos embaixadores no mercado do algodão brasileiro. “Ter participado da BCS neste momento da minha carreira foi um divisor de águas. Vindo, originalmente, do setor de grãos e oleaginosas, a BCS me proporcionou, em algumas semanas, um alicerce para desenvolver um conhecimento mais profundo acerca do setor”, avaliou o participante, André Barbieri, gerente de Inteligência de Mercado da Bunge.



Our Commitment. Your Success.

Cargill Cotton is committed to achieving your objectives through trusted global expertise, proven reliability and comprehensive risk management solutions.

As a leading agriculture commodities merchant with global supply chain and risk management capabilities, we are uniquely equipped to help you *thrive*.

Cargill is committed to helping people and organizations *thrive*.
www.Cargill.com

© 2013 Cargill, Incorporated



O Brasil produz a fibra que veste o mundo.



Com a responsabilidade, qualidade e transparência que o futuro precisa.

